

Tendo colocado o desenvolvimento do pensamento ocidental a partir do Cristianismo até os nossos dias em sua moldura, dentro do conceito da morte, tendo portanto enquadrado o espírito ocidental dentro do espírito humano per se, abri o caminho para a perseguição daquelas noções que me parecem as mais importantes. Sem me deixar amedrontar pela dificuldade aparentemente insuperável de falar do tempo em termos coloquiais e não cair no trivial, escolhi esse tema para hoje. Creio que a noção do tempo que rege subconscientemente o nosso pensamento, informa todas as nossas atividades científicas e artísticas, para não falar em filosóficas, e a discussão do tempo proporcionará portanto uma plataforma da qual vislumbraremos uma grande parte dos problemas da atualidade.

É verdade que a sensação do tempo nos é dada imediatamente, que todas as nossas vivências estão banhadas no tempo, mas, por incrível que pareça, a nossa fantasia é incapaz de imaginar o tempo. Todas as imagens que utilizarei serão portanto emprestadas ao espaço, o único campo dentro do qual a imaginação funciona. Falarei da roda e da flexa do tempo, de segmentos temporais, e até de "espaço de tempo". Portanto farei uma grande exigência da minha e sua fantasia, exigirei que ela se utilize do material espacial para tornar visível o invisível, para tornar visível o tempo.

Quando discuti o Judaísmo, disse, quase em passant, que devemos a ele o nosso conceito de tempo linear que governa o nosso pensamento prático, e que devemos aos gregos (mais exatamente aos orfícos) o nosso conceito de tempo circular, que governa o nosso pensamento científico, especialmente a física newtoniana. Agora apelo para Vocês para que se esforcem a imaginar o que essa declaração significa (supondo que ela é verdadeira). O que significa o tempo linear, e mais especialmente, o que significa o tempo linear dos judeus? Significa a correnteza dramática de acontecimentos únicos e irrevogáveis, a torrente espumante de acasos tremendos e milagres inconcebíveis, a cachoeira selvagem que arrasta o mundo das alturas do primeiro dia da criação até a garganta do último dia do julgamento em queda sempre mais precipitada. Em outras palavras, significa a visão histórica do mundo. E o que significa o tempo circular dos orfícos e do Oriente? Significa o tédio indizível da repetição eterna, o surgir, passar e desaparecer de eternamente os mesmos acontecimentos, o carrossel monotone que torna visível sempre os mesmos cavalinhos e esconde sempre os mesmos elefantes de pau. Em outras palavras, significa a visão mecânica do mundo. É claro que nenhuma dessas duas visões pode ser autenticamente mantida em estado inalterado. A visão histórica nos mataria por tensão nervosa, estaríamos expostos a cada instante a surpresas tão enormes que um colapso cardíaco seria questão de minutos. A visão mecânica nos mataria pela esgotamento nervoso através de acessos de loucura, causada pela repetição constante e idiota dos mesmos acontecimentos, pelo cair ininterrupto da mesma gota na pia em ritmo e força constante. Em consequência, os dois conceitos do mundo precisam ser misturados, para poderem ser suportados, e, realmente, todas as imagens do mundo contem uma mistura dos dois elementos. O psalmista diz, que não há nada de novo debaixo do sol, e faz uma profissão de fé mecânica dentro do mundo histórico dos judeus, e Heraclito diz que tudo corre e fez uma profissão de fé histórica dentro do mundo mecânico (mais exatamente biológico-mecânico) dos gregos. Assim mesmo, mantenho a distinção entre os conceitos judaico e grego do tempo. No Judaísmo o elemento circular é introduzido como uma parte do conceito básico linear, no Helenismo o elemento linear é considerado como parte da base circular do mundo tempo. Para os judeus o tempo segue uma linha ~~de~~ a partir de um ponto zero (o dia da criação) até o ponto  $r$  (o último dia), mas a linha consiste de uma série de involuções como uma rosca, e cada involução pode ser considerada como círculo. Portanto o aspecto circular do mundo é um aspecto inferior e provinciano, o aspecto linear é superior e cósmico. Para os gregos o tempo segue uma linha circular, mas o círculo tem um diâmetro tão colossal comparado com o comprimento da vida humana, que cada segmento da periferia nos parece linear e reto, não descobrimos a curvatura. Portanto o aspecto linear do tempo é subordinado e provinciano, e o circular é

O tempo.

superior e cosmico. Vou me aprofundar um pouco mais nessas duas noções do tempo.

A visão historica do tempo imagino na seguinte fabula: Um relógio com um mostrador muito complicado cai ao longo de um edificio de um milhão de andares. O mostrador do relógio contem centenas de circulos que mostram segundos, minutos, horas, mezes, anos, seculos e assim por diante. E o mostrador é habitado por uma porção de formigas que correm desordenadamente por toda superficie e até procuram penetrar pelo relógio a dentro. O edificio de um milhão de andares é a realidade, o relógio é o tempo, o mostrador é a face do tempo virada para a razão humana, as formigas são as nossas mentes. O ponteiro de segundos interessa ás formigas com inclinação para a física, o de minutos e de horas ás formigas fisiologicas, o de mezes e anos ás formigas economicas, biologicas, meteorologicas etc., o de seculos ás formigas toynbeeanas, marxistas etc., e ponteiros mais majestosos interessam a formigas com pretensões mais elevadas. As formigas psicologicas e filosoficas tentam penetrar para dentro do relógio para descobrirem as rodinhas e rodas, e as molinhas e moias que fazem rodar os ponteiros. E tudo está, para estas formigas, na melhor das ordens, tudo roda em circulos, tudo se repete. No entanto, ás vezes as formiginhas olham para fóra, chegam até á beira do mostrador e vém o edificio de um milhão de andares. Ficam, como é logico, um tanto tontas. As que se preocupam menos com a queda do relógio são as formigas físicas, porque o ponteiro delas é o mais rapido de todos. Depois de uma volta a formiga olha para fóra, e o relógio está praticamente no mesmo lugar que antes da volta. Mas as formigas toynbeeanas estão muito mais preocupadas. O ponteiro de milénios deu uma volta, nasceu, amadureceu e morreu uma civilização e tudo está pronto para nascer uma outra e o ponteiro recomeçar a sua roda. Ai a formiga olha para fóra, e vejamos só, ao envez de o relógio estar no andar 945.432, está no andar 945.397. Isto é inquietante. É verdade que o ponteiro de milénios pode dar ainda muitas voltas antes de se chegar ao andar terreo, e muitas vezes tudo se repetirá, mas, quando chegar o relógio até o chão, o que acontecerá com ele e com as formigas? Isto é um problema imediato, não sómente de prazo longo. Porque se a nova roda do ponteiro começa em andar diferente da roda anterior, podemos dizer em consciência que ela é idêntica com a sua predecessora? As formigas toynbeeanas talvez comunicam esta preocupação ás demais formigas, e todas ficam um pouco desnorteadas, inclusive as físicas, que não deveriam preocupar-se tanto. Mas acontece que são justamente elas que tem certas duvidas quanto ao seu ponteiro. Justamente por ser ele o ponteiro menor e mais fragil, ele registra certas oscilações que podem ser explicadas como resultantes da queda. Creio que podemos nos identificar com as minhas formiguinhas e compartilhar de suas preocupações, porque o que acabo de lhes contar é a nossa noção do tempo.

Vou lhes contar agora um outro conto de fadas. Tres seres de duas dimensões, recortados de uma revista ilustrada, estão em profunda discussão sobre a terceira dimensão e sobre a possibilidade de imaginá-la. Um é um retrato de Newton, os outros dois são fotografias de Heidegger e Einstein. Diz o retrato de Newton: "A revista ilustrada, da qual somos parte, não é um amontoado de letras e ilustrações desorganizadas, mas obedece a um plano pre-estabelecido na tipografia. Reparem que as linhas tem sempre uma distancia exata uma da outra, e as letras distancias constantes entre si, com pequenas excepções depois de pontos e virgulas ainda não explicadas. Se percorremos cuidadosamente cada folha, descobriremos as regras que organizam as letras. Nós chamamos esta sequencia de letras de "tempo", mas o tipografo, que está não sómente dentro da revista (por te-la composto) mas também a transcende, (por existir fóra dela), vê a folha de um relance para ele o tempo não existe, a não ser justamente como organização de letras." "Muito bem," diz a fotografia de Einstein, "mas você não tira as consequências necessarias da tua descoberta. Aquilo que Você chama de "tempo", não é, na realidade, mais do que a terceira dimensão da revista

ilustrada. Você se esforça de exprimir cada folha com centímetros quadrados, para reproduzir a organização das letras, e quando Você passa para a folha seguinte, Você fala em tempo. Isto não é necessário. Basta inventar o conceito "centímetro cúbico" e o tempo desaparece. Porque a revista é curva para dentro da terceira dimensão, ela tem uma grossura. Nós não podemos imaginar isto, não sabemos que quer dizer "grossura", mas podemos calcular com a terceira dimensão e os resultados dão certo. Portanto a revista é um contínuo de espaço e tempo de três dimensões e é finito, tem somente um número finito de folhas. Para chegar a este resultado não precisamos de nenhuma hipótese superflua como "tipógrafo", a revista em si revela este caráter." Diz a fotografia de Heidegger, indignada: "O que Vocês dizem não é autêntico, é um suicídio metafísico, porque Vocês tem medo de encarar a nossa situação que é a seguinte; nós fomos imprimidos para dentro da revista, viemos do nada, e fomos recortados brutalmente dela e estamos agora no nada. A revista era o texto que explicava os nossos retratos, ela tinha função tão somente em relação com os nossos retratos. Aquilo que Vocês chamam de tempo, é meramente um aspecto da revista, e nada tem que ver com o verdadeiro tempo, que é a base da nossa existência dentro da revista. Conquanto estivemos dentro da revista, o tempo corria, agora que estamos fora, não tem mais sentido falar-se em tempo, porque nós estamos no nada e o nada nadaia." Enquanto esta discussão se desenvolve, as máquinas impressoras da tipografia estão produzindo milhões de exemplares da mesma revista, com retratos idênticos de Newton Heidegger e Einstein. Desculpem se este conto é um pouco menos satisfatório que o primeiro. Ele corresponde à noção circular do tempo que nos é fundamentalmente alheia, e estamos tentados de simpatizar com os retratos e não com a tipografia. No entanto, trata-se da noção do tempo que rege o Oriente.

Resumo em breves palavras aquilo que queria ilustrar até agora: A noção do tempo linear é suportável somente graças aos seus aspectos circulares subordinados, e estes são em última análise insustentáveis. A noção do tempo linear é suportável somente graças à nossa incapacidade de abranger o círculo todo, incapacidade esta que cria a ilusão linear do tempo. Em outras palavras: O tempo é, a rigor, insuportável em qualquer forma. Em consequência tenta o espírito humano liberar-se do tempo. O Ocidente quer emergir da correnteza do tempo para o reino do ideal, o Oriente quer quebrar a roda do tempo para se dissolver no nada. Os dois procuram a salvação no contrário do tempo: o Ocidente na eternidade, o Oriente no nunca mais - e isto define o Cristianismo e o Budhismo.

Como nós aqui estamos interessados nesta série de discussões somente no Ocidente, desprezarei as considerações do Nirvana. Partirei da contribuição do cristianismo ao problema do tempo. Ela consistiu, in nuce, na síntese da noção judaica do tempo com a noção do reino intemporal das ideias gregas. O mundo se divide em dois: O temporal com sua correnteza do tempo judaico, e o espiritual que não é tocado pelo tempo. A Alma participa dos dois mundos provisoriamente, tendo passado pela ponte do nascimento para o mundo temporal, e abandonando-o pela ponte da morte. A partir desta síntese o conceito do tempo se desenvolve no Ocidente. Durante a Idade Média, é verdade, pouco se estendeu e aprofundou, o interesse da humanidade era voltado para fora dele. As formigas medievais olhavam fascinadas para o edifício de um milhão de andares e pouco se preocupavam com o ponteiro. Esta fascinação medieval pelo edifício se explica em parte pelo fato de ter a Idade Média fantásticamente subestimado o número de andares. Para eles o tempo tinha começado aproximadamente há cinco mil anos e podia acabar a qualquer momento. Tratava-se de um edifício de quatro ou cinco andares, e o relógio se aproximava vertiginosamente da terra. Não valia a pena interessar-se pelos ponteiros, já que o relógio ia se arebentar a qualquer momento.

A Idade Moderna descobriu, sucessivamente, a tremenda altura do edifício e a relativa pouca altura da queda do relógio do tempo. Ao invés de ter começado o mundo há cinco mil anos, ficou demonstrado que ele existe a milhões e milhões de anos, e que ele não é, como pensaram os

medievais, um mundo moribundo, mas relativamente novo. Trata-se, é verdade, de uma diferença quantitativa, mas de tal ordem que fez o salto para o qualitativo. O proprio tamanho do tempo lhe alterou o carater. Tão impressionante era este tamanho do tempo, que os espiritos ocidentais não vacilaram de tomar um passo decisivo e declara-lo infinito. Com esta noção do tempo infinito linear abandonaram a base cristão e judaica dopensamento ocidentalem muitos aspectos. Negaram o criador, negaram a salvação do mundo, negaram o Cristo. Porque o Cristo, como já tentei dizer, é uma cesura dentro do curso limitado do tempo que lhe dá forma e sentido. Mas, geralmente, aqueles que nutrem o conceito do tempo infinito, não se dão conta de todas as consequências da sua noção, o que é, neste caso, uma felicidade para eles.

No entanto, a noção do tempo linear infinito é insustentavel. Não discuti-rei aqui, por difíceis demais, os argumentos racionais contra esse concei-to. Direi sómente que estão aparecendo as evidencias empiricas da limita-ção do tempo. Os átomos, por exemplo, são uma especie de relógios que re-gistram o percurso do tempo a partir do começo. Se desintegram successi-vamente, e quando se tiverem todos desintegrados o tempo não mais correrá, terá acabado. As nebulosas são outro relógio em escala maior, provavelmen-te funcionando com a mesma corda. A entropia, a perda successiva de oportu-nidades, é outra flexa que aponta a partir do começo para o fim do tem-po. O argumento que existem infinitamente muitos átomos e nebulosas e que portanto nunca acabarão, e que existem infinitamente muitas oportunidades, não pode ser mantido. Em primeiro lugra, porque a fisica parece dizer que o numero de átomos é finito, a astronomia que o numero de nebulosas é fi-nito, e a termodinamica que o numero de oportunidades é finito. E em segun-do lugar, porque, mesmo que infinitos, o seu numero se tornaria sempre me-nor, seriam por assim dizer infinidades sempre menores. Não consigo pen-sar esta ordem de ideias até o fim, mas me quer parecer que ela aponta pa-rra o fim do tempo.

Voltamos portanto para a noção do tempo linear finito, como na idade media sehem que a um tempo finito de dimensões enormes. Não é mais tão facil voltar-lhe as costas com o fizeram os escolasticos e os alquimistas. A nos-sa mente se envolve no tempo, sem abandonar o mundo supratemporal de vista. Vou dar sómente um exemplo de que forma diabólica o tempo nos envolve: A base teorica do nosso pensamento científico é (ou era até há pouco) a noção da causalidade. Ela diz que as mesmas causas tem sempre os mesmos efeitos. O tempo aniquila, ao meu ver, brutalmente esta noção e, fran-camente, não compreendo como podia ter sido mantida. O tempo circular não admite a causalidade, porque cada causa dá origem a uma cadeia linear de efeitos que nunca podem voltar á primeira causa. E o tempo linear não ad-mite a causalidade, porque nele nenhuma cause se repete, e portanto não temos direito de dizer que "iguais causas tem efeitos iguais", já que não existem iguais causas. Para mim, este argumento é tão, solido que estou estupefato de não o ter nunca encontrado em minhas leituras. O que talvez prove sómente a minha pouca erudição, mas o argumento persbte. Estou portanto com Hume e creio que a causalidade foi mantida por razões psico-logicas, sehem que Hume usou, creio eu, argumentos menos convincentes. Sei no entanto, que a frase "a causalidade não é real, mas causada por costume psicologico" é uma contradição em si, e sei também que não podemos existir um instante sem a fé na causalidade. Acho que demonstrei o carater diabo-lico do tempo.

Portanto o tempo nos envolve, mas é imperativo emergirmos dele. Vou esbo-çar sómente tres alternativas que me parecem as mais importantes: A alter-nativa kantiana, a alternativa dialectica e a alternativa existencialista. Sei que assim nunca chegarei a esgotar o tema, tão fertil para a biologia, a psicologia, a mistica, e também nas artes. Talvez futuramente teremos oportunidade de considerar o conceito do tempo em outro contexto.

O tempo.

No pensamento Kantiano o tempo é uma categoria da razão pura e corresponde com uma categoria da coisa em si, o que quer dizer, aproximadamente, o seguinte: Nada podemos dizer sobre a coisa em si, porque com ela estamos em contacto direto sómente através da razão prática que não é discursiva. Mas, a nossa razão pura nos apresenta o mundo fenomenal, que provem (de uma forma para mim incompreensível) da coisa em si, e este mundo fenomenal nos é apresentado em certa ordem imposta pela razão pura, em categorias. A razão pura não pesca os fenomenos indiscriminadamente, mas ordeiramente. Ela os pesca um atraz o outro, e esta sequencia de fenomenos é o que chamamos de tempo. Portanto o tempo é algo imposto ao mundo por nossa razão, não é algo objetivo. Mas, se isto é verdade, não é toda verdade. Porque a ordem temporal por nós imposta aos fenomenos corresponde (de forma que não compreendo) com algo na coisa em si, não é por assim dizer uma forma fortuita de organizar as coisas. É uma forma necessaria, não pode haver um mundo fenomenal organizado de outra maneira, um mundo fenomenal sem tempo. Pelo menos não para a razão humana. Neste sentido restrito o tempo é objetivo. Assim os kantianos conseguem ~~duas~~ duas metas: (1) o tempo é eliminado da coisa em si, e portanto somos salvos do tempo graças á razão prática que mantém com ela contacto direto, e (2) a objetividade do tempo é salva, e com ela é evitado o conceito historica da verdade, um conceito que conduz necessariamente ao cepticismo. Porque se a verdade muda com o tempo, o que forçosamente acontece se o tempo for subjetivo, então de desfaz o conceito da verdade. Deixo o seu espirito critico julgar a que custo o criticismo kantiano consegue estas metas-

A dialectica historica, especialmente a materialista, tem um conceito dinamico e criador do tempo. Ela representa portanto uma sintese das noções lineares e ciclicas do tempo. Do tempo linear, que lhe serve de tese, ela empresta o carater entelechico e dramatico do tempo. Do tempo circular, que lhe serve de antitese, ela empresta o carater mecanico do tempo. E ela tem o atractivo adicional que se salva do tempo com a ajuda do tempo. Ela é que nem o Barão Muenchhausen que se levanta do pantano puxando-se pelos proprios cabelos. Em poucas palavras, o que ela ensina é o seguinte: Cada conceito presuppõe, necessariamente, o conceito contrario, sem o qual não seria conceito. "Grande" presuppõe "pequeno", "bom" presuppõe "Mau", "materia" presuppõe "ideia" e assim por diante. Juntos, os dois conceitos formam um novo conceito, a sintese desses dois, por exemplo "tamanho", "valor", "realidade". Estes novos conceitos presuppõem os conceitos contrarios e assim ad infinitum (ou quase ad infinitum). O fim deste processo de logica dialectica é alcançado, quando são produzidos os ultimos conceitos que incluem dentro de si todos os conceitos possiveis e portanto não tem nenhum conceito oposto. É a ultima sintese de todos os conceitos. Este processo de dialecto se desenrola, passo a passo, na realidade. Este passo a passo, esta progressiva sintetisação de conceitos realizados sempre mais perfeitamente, é o que se chama "tempo". O tempo é portanto sempre mais rico e pode ser comparado a uma arvore que cresce e espalha sempre mais os seus ramos. No fim dos dias será alcançado o estagio da perfeição, a realização definitiva da primeira tese, da mateira, em sua luta fecunda contra a primeira antitese, a ideia, será alcançada a ultima sintese entre materia e ideia, a sociedade humana perfeita, o estado comunista. Com isto o tempo parará e seremos salvos dele. Novamente deixo ao seu espirito dialecticamente desenvolvido de julgar a que preço é conquistado este paraizo terrestre, esta vitoria sobre o tempo. De passagem quero dizer, que obviamente uma tal ordem de ideias admite uma noção de verdade sempre mais ampla e verdadeira, a verdade se desenvolve dialecticamente. O que era verdade hontem, na sintese mais primitiva, não é mais verdade hoje, na sintese mais perfeita. Reparem na ligação entre o marxismo e o pragmatismo, e na justificação do partido comunista de mudar frequentemente de sua linha justa. Isto não é inconsequencia, é a propria prova da justiça do pensamento do partido.

O tempo.

Por fim discutirei o tempo no existencialismo e não creio, a despeito das declarações do sr. Sate, que este pode ser enquadrado comodamente dentro do marxismo. O tempo é a própria condição da existencia, do "estar aqui", porque o "estar aqui" é jogado e é para a morte. A existencia vem do nada e vai para o nada e este percurso se chama "tempo". Aquilo que está diante da mão é o futuro, aquilo que está compreendido pela existencia é o passado, aquilo que está á mão, que está aprendido, é o presente. A palavra "futuro" em alemão é "o que está chegando (Zukunft)", a palavra "passado" em alemão é "o que já se foi (Vergangenheit)", a palavra "presente" em alemão é "o que está se opondo (gegenwart)" e Heidegger usa este jogo de palavras até o maximo ao explicar a sua noção do tempo. Como se vê, todos os tres tempos estão, gramaticalmente, na forma do presente, e para o existencialismo, efetivamente todo o tempo está sempre presente dentro da existencia, "ist da", está aqui. O passado é a propria existencia, o presente é a atividade da existencia, o futuro é a preocupação (Sorge) da existencia, são tres formas da existencia autentica que a caracterizam em seu conjunto. A existencia não autentica não tem tempo, no sentido verdadeiro desta frase terrivel, porque essa existencia está angustiada. Ela portanto não tem passado, porque nada compreendeu, não tem futuro, porque com nada se preocupa, e não tem presente porque não produz nada. Ela simplesmente decai cegamente para a morte, e sómente neste sentido não autentico ela está no tempo. Em certa maneira o tempo é infinito para a existencia autentica, porque está sempre é inteiramente presente, em outra maneira é finito, porque tem a morte como seu horizonte. O tempo é um produto do nada, e é pelo nada que o existencialismo nos libera do tempo. Ai o paralelo tantas vezes cantado entre o existencialismo e o buddhismo.

Interrompo aqui esta minha consideração sobre o tempo. Como já disse, ela é muito pouco exhaustiva e futuramente voltarei ainda sobre este assunto para mim tão fascinante. Não quero acabar esta leitura sem dizer que na minha maneira de ver o tempo representa aquilo que as religiões chamam "diabo". O diabo é tão real ou ilusionario quanto o tempo. Mas esta minha ideia vem da minha maneira de ver o mundo a partir da etica, uma maneira de ver talvez estranha demais para Vocês para ser agora esclarecida.